



# CORPO, ARTE E POLÍTICA COMO TERRITÓRIOS DE RESSIGNIFICAÇÃO<sup>1</sup>

## BODY, ART AND POLITICS AS TERRITORIES OF RESIGNIFICATION

Gabriela Santos Alves<sup>2</sup>

### RESUMO

Este ensaio é fruto da reverberação das reflexões que emergiram no curso do debate público após as conferências dos professores Daniela Zanetti e Erly Vieira Jr., ambos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo — PósCom, que expuseram seus respectivos trabalhos, frutos de atuais pesquisas acadêmicas e também de inquietações enquanto sujeitos que vivenciam a relação entre arte, corpo e política no atual cenário brasileiro e que evidenciam essa relação através de seu diálogo interdisciplinar com o campo da Comunicação Social, constituindo-se tanto pelas marcas narrativas das redes sociais quanto pela experiência audiovisual. Propõe-se, ainda, a dialogar com algumas das questões teórico-metodológicas suscitadas pelas apresentações dos trabalhos.

### ABSTRACT

*This essay is the result of the reverberation of the reflections that emerged in the course of the public debate after the conferences of teachers Daniela Zanetti and Erly Vieira Jr, both linked to the Graduate Program in Communication and Territorialities of the Federal University of Espírito Santo - Post-Com, which presented their respective works, fruits of current academic research and also of concerns as subjects who experience the relationship between art, body and politics in the current Brazilian scenario and who evidence this relationship through their interdisciplinary dialogue with the field of Social Communication, constituting both the narrative brands of social networks and the audiovisual experience. It also proposes to dialogue with some of the theoretical-methodological issues raised by the presentations of the works.*

Por ocasião da realização do VII Colóquio de Arte e Pesquisa dos alunos do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo — Colartes, 2019, com o tema *Há um lugar para a arte?*, recebi o convite para atuar como debatedora da III Conferência do evento, na qual os professores Daniela Zanetti e Erly Vieira Jr., ambos

---

<sup>1</sup> Versão em formato de ensaio da relatoria das conferências “Arte e política nas redes digitais”, proferida pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Daniela Zanetti, e “Sujeitos cinestésicos, visualidades hápticas e ressonâncias carnisais: O lugar do corpo na experiência audiovisual”, proferida pelo Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Erly Vieira Jr., durante o VII COLARTES 2019: Há um lugar para a arte?, realizado na Cidade de Vitória, Estado do Espírito Santo, de 20 a 22 de agosto de 2019, nas dependências do Centro de Artes, Cemuni IV, da Universidade Federal do Espírito Santo.

<sup>2</sup> Gabriela Santos Alves é Professora do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, Brasil. Pós doutora em Comunicação e Cultura (Eco/UFRJ). Coordenadora do Curso de Cinema e Audiovisual - UFES, Brasil. Áreas de interesse acadêmico: cultura audiovisual, teoria feminista, cinema, memória e gênero. Realizadora audiovisual, atua como roteirista, diretora, curadora e cineclubista. Contato: [gabrielaalves@terra.com.br](mailto:gabrielaalves@terra.com.br).



vinculados ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo — PósCom, expuseram seus respectivos trabalhos, frutos de atuais pesquisas acadêmicas e também de inquietações enquanto sujeitos que vivenciam a relação entre arte, corpo e política no atual cenário brasileiro e que evidenciam essa relação através de seu diálogo interdisciplinar com o campo da Comunicação Social, constituindo-se tanto pelas marcas narrativas das redes sociais quanto pela experiência audiovisual. Este ensaio, portanto, é fruto da reverberação das reflexões que emergiram no curso do debate público após as falas de ambos na Conferência e propõe-se, ainda, adialogar com algumas das questões teórico-metodológicas suscitadas pelas apresentações dos trabalhos.

O tensionamento entre arte e política foi um dos pontos mais discutidos no debate. Partindo do tema proposto pela realização do evento — *Há um lugar para a arte?*, falou-se sobre a importância da reflexão sobre a produção artística difundida em redes sociais, como instagram e páginas do facebook, e da relação entre arte e política a partir de produções que circulam no território virtual, por consequência público, alcançando um número expressivos de espectadores. Esses discursos podem ser pensados tendo como ponto de partida a reflexão sobre arte e seu engajamento político, da arte como enfrentamento à questões políticas e sociais que emergem no contexto atual do cenário político brasileiro.

Nossa época está sendo marcada por um embate da ordem do imaginário, uma guerra de imagens e de signos, por uma sede de representação e visibilidade. Localizo ambas as apresentações neste lugar: o das discussões em torno da novas ordens de representação e também dos novos regimes de visibilidade que habitam a contemporaneidade — e que "têm como um de seus principais fundamentos a indissociabilidade entre *política* e *representação*" (BORGES: 2019, 11). É também caracterizada por sentimentos, ações e discursos polarizados e marcados por contradições, mas especialmente é um período que se distingue através da diversidade de existências, resistências e marcas narrativas audiovisuais e virtuais.

A arte, nesse sentido, é compreendida pelos conferencistas a partir de um sentido amplo, seja pela experiência artística e estética em si, seja pela vivência do cotidiano que elas



provocam ao se inserirem na teia da esfera pública midiática. Dados o retrocesso político e a perda de direitos vivenciadas entre 2018 e 2019 no Brasil, a experiência estética como proposta política é impulsionada e ocupa lugar importante na construção de ideias, discursos e práticas que se mostram contrárias a ideais conversadores, retrógrados e excludentes. A internet, assim, passa a ser compreendida como um território, uma arena de discussões e disputas narrativas onde a arte contemporânea, crítica e questionadora, se manifesta e se pluraliza.

Essas experiências estéticas podem ser exemplificadas pela atuação de vários perfis da rede instagram e suas produções, como por exemplo o stencil com a palavra *mito* associada à figura do atual presidente, conhecido entre sua militância como *mito*, ou o perfil *sergio molho*, em referência ao atual ministro da justiça. Além da crítica a figuras políticas, há várias outras temáticas presentes, como a imigração e a exclusão social nos EUA. Há, também, perfis como *Design Ativista*, que evidencia a luta pela demarcação de terras e a marcha de mulheres indígenas, e o *Vagina Museum*, iniciativa que pretende a criação do museu da vagina, a fim de evidenciar a relação política com o corpo feminino, fora dos tradicionais entendimentos do corpo da mulher, muitas vezes atravessados pela sexualidade e pela violência.

No território cinematográfico, a compreensão do corpo na experiência audiovisual, a partir da noção de um sujeito cinestésico, trouxe uma profícua contribuição ao debate, impulsionada por questões de ordem política, de dimensões afetivas e, em especial, pela resistência estética que os corpos dissidentes provocam tanto nas narrativas em tela quanto nos sujeitos espectadores que são atravessados por elas.

Nesse cenário, é importante refletir sobre a presença desses corpos dissidentes não somente do ponto de vista simbólico e representativo mas também como presença física e, portanto, de suas formas de sentir e ressignificar imagens e discursos, ocasionando uma quebra de paradigma na relação ocular e cênica, por sua vez proporcionada pela aparição de imagens e sons singulares que evocam o corpo de espectador em três dimensões específicas: o corpo que é filmado, que aparece em tela; o próprio filme como corpo e o corpo do espectador. O cinema, assim, é compreendido como uma espécie de pele, numa



metáfora que engloba, ao mesmo tempo, toque e sensibilidade. Essa “pele do filme” é um entendimento presente na obra deleuziana e faz parte dos estudos do campo da teoria da arte há pelo menos cem anos. Já o conceito de háptico dialoga com esse entendimento porém diz respeito muito mais a uma espécie de *caminhar pela imagem* acionado pelo espectador do que à sua relação com/do olhar.

Como exemplo dessa quebra de paradigma associada à presença de corpos dissidentes discutiu-se, a partir de um trecho do filme *Madame Satã*, iniciado em 1:19:30, o corpo gay em tela, marcado pela performance e pela ressonância carnal como modo de engajamento corpóreo, que nos é apresentado fora da noção tradicional de imagem controlada — aqui, através do uso presente da câmera de mão, os planos são *descontrolados*, tanto do ponto de vista do enquadramento, quanto do foco da câmera e da luz que incide nos quadros, proporcionando ao espectador a sensação de estar dentro da ação e participando da narrativa, embalado por sons e imagens.

Tomou-se a aparição do corpo gay em tela para ampliar a discussão para outras questões, como a importância da presença da dissidência corpórea para o enfrentamento à atual tentativa de censura de narrativas e discursos no Brasil e ao enfraquecimento do investimento em políticas públicas do audiovisual, através da diminuição/aniquiração de editais públicos para a promoção de filmes de curta e longa metragens, além de narrativas seriadas em que esses corpos e histórias são colocados como protagonistas.

Além disso, debate-se sobre a produção artística brasileira contemporânea e seu atravessamento por experiências pessoais, sejam elas individuais e/ou coletivas, o crescimento e impulsão da teoria queer nos estudos do cinema e das visualidades, o circuito de exibição e consumo que tem como público sujeitos que identificam-se com a dissidência, com especial atenção à tentativa da indústria cultural, empresas e marcas do uso do chamado *pink money*.

Importante resgatar, ainda, a necessidade de ocupação do território acadêmico através da resignificação de objetos de pesquisa tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação. Isso se dá, especialmente no Campo da Comunicação Social, pela compreensão e análise dos marcadores discursivos do tempo presente, da urgência em se resgatar uma



memória afetiva de corpos e narrativas que não nos permita, enquanto sociedade, silenciar ou esquecer. Essa ação nos territórios, via participação e ocupação, e também por influências sensoriais, nos mostra o movimento que a arte contemporânea causa nos/entre corpos, em uma constante luta por representatividade e por construção de estratégias políticas de enfrentamento.

### Referência

BORGES, Rosane. Das perspectivas que inauguram novas vidas. Hooks, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.